

# Embriões sem futuro

## A Inglaterra não tem amigos eternos, mas, sim, interesses eternos

**Evaristo Eduardo de Miranda**

A frase norteava a política do império inglês. Muitos pagaram caro por não entender o seu alcance. Agora, ao aprovar uma lei permitindo gerar, manipular e destruir embriões, parece que os próprios ingleses estão fora dos interesses da Inglaterra. O Dalai Lama pediu à Câmara dos Lordes para não aprová-la. A Igreja, grupos humanitários e científicos também se posicionaram contra. Os "interesses comerciais" e a "dianteira econômica" que representariam para a Inglaterra foram mais fortes. A mídia evocou "rios de dinheiro".

Nem os Estados Unidos nem os outros países da Europa teriam tamanha ousadia. Pelo contrário, a pesquisa científica envolvendo embriões tem sido objeto de controles crescentes nessas nações. Declarações de alguns cientistas e capitalistas entusiasmados não podem ser con-

fundidas com o conjunto da comunidade científica e da sociedade. As razões de preocupações são sérias. Os nazistas também justificavam suas experiências "científicas" com humanos em campos de concentração pelo benefício que trariam à humanidade. Dias depois da aprovação da lei britânica, a mídia inglesa divulgou: um hospital inglês retirava e vendia, há anos, ilegalmente, órgãos de crianças para transplante e uso laboratorial, sem o conhecimento dos pais. Isso na Inglaterra! As razões para preocupações são reais.

A lei inglesa viola um princípio legal maior e pode ser comparada à temática do aborto. Até hoje o aborto não foi legalizado em nenhum país do mundo. Na Europa e em outras nações houve apenas sua descriminalização ou despenalização, em determinadas situações. As situações da despenalização variam de país para país. Elas dizem res-

peito, basicamente, ao número de semanas de vida do feto até o qual o aborto não é penalizado. Um dia depois dessa data o ato passa a ser criminalizado.

As legislações européias também incluem outros condicionantes: o número de abortos já praticados pela mãe, as condições de sua realização, etc. A despenalização material do aborto pela sociedade (você não é preso, não paga multa, não sofre injúria pública, etc) não elimina nem evita a necessária reflexão individual. Longe de ser um incentivo, a legislação é restritiva quando a mulher recorre a um segundo ou terceiro aborto, podendo se tornar impeditiva ao não permitir o acesso a nenhum serviço médico gratuito, ao reembolso de custos, etc.

De certa forma, clonar um ser humano é como gerar um gêmeo idêntico. Ele, além de ser diferente na sua essência, como são diferentes todos os

Evaristo Eduardo de Miranda é ecólogo, professor da USP, pesquisador da Embrapa e diretor do Instituto Ciência e Fé.

gêmeos, também o será no tempo de vida. Gerar, manipular e utilizar embriões numa linha de produção de produtos terapêuticos é outra coisa. A ciência tem competência e outros caminhos para solucionar os pro-

blemas invocados para justificar esse absurdo. Não existe e nem pode existir legalização do aborto. Algumas sociedades podem até discutir e aprovar as condições e limites de sua despenalização. Mas nenhuma

nação poderia legislar dizendo: mataráis! Esse princípio ontológico, inscrito em cada pessoa, é sagrado. Mas, neste início de milênio, na Inglaterra, parece que foi derrotado pelos "interesses eternos".